

OS LIVROS DO MÊS

CARTILHA DO MARIALVA O RENDER DOS HERÓIS

por JOSÉ CARDOSO PIRES

NÃO deu brado, passou, de certo modo, despercebido, o ensaio a que José Cardoso Pires deu o título aliciante de «Cartilha do Marialva» (Ulisseia, Lisboa), mas não há dúvida de que se trata de um dos livros mais importantes ultimamente publicados entre nós. Citando, num dos seus capítulos, um dos aforismos de José Bacelar, o autor ingressa imediatamente na família de espíritos que têm o «marialvismo» por uma das maiores pechas da mentalidade nacional. Ao autor da «Revisão», lúcido inquiridor das iniquidades da cultura portuguesa, psicólogo sem antolhos, se deve, em verdade, a mais perseverante campanha da primeira metade do século contra essa espécie de míldio ou filoxera da nossa existência como povo civilizado. «Na classe dominante», escreveu José Bacelar com inteira aprovação de José Cardoso Pires, «o que hoje impera apesar de tudo é uma espécie de «marialvismo», quer dizer, o profundo desdém por todas as coisas do espírito, tomadas como manifestações ou sinal, seja de plebeísmo, ou melhor, de burguesismo impertinente e falho de gosto, seja duma desvirilização geral que é preciso desprezar e condenar pelo ridículo.» E esta observação reforça-a, acto contínuo, o autor da «Cartilha do Marialva», citando D. Francisco Manuel de Melo, o qual atribuía à cultura e à arte «costados de doudice».

Sim: o «marialvismo» subsiste na vida nacional, o «marialvismo» dá cartas no dia-a-dia da existência portuguesa, o «marialvismo» é o antídoto vigoroso contra toda a sorte de «liberti-

nagem» porventura latente no espírito nacional. E a importância do ensaio de José Cardoso Pires traduz-se no espicaçar de uma consciência que em repouso por muito tempo tende a esquecer as virtudes de um método que através dos séculos tenta debalde arrancá-la a essa espécie de catalepsia congénita.

«Marialvismo» e «libertinagem» defrontam-se no ensaio de Cardoso Pires, conferindo o autor da «Cartilha do Marialva» direitos de cidade a uma terminologia que até aqui não adquirira significado na doutrinação daqueles que há séculos lutam debalde para safar a mentalidade portuguesa do lodaçal em que patinha.

«Libertino» é o nome que Cardoso Pires dá ao «estrangeirado», é o título nobiliárquico com que galardoia os descendentes desses «herejes» do século XVI que, como todos os herejes, a melhor coisa que têm para oferecer aos que os hostilizam é o uso obstinado e intransigente da Razão. E tudo vai de uma mesma oposição, essa oposição que o próprio José Bacelar sintetizaria no título de um dos seus livros fundamentais: «Razão e Absoluto».

Não é preciso ser-se racionalista para se ser libertino. Melhor: para se não ser marialva não se precisa de ser racionalista. O racionalismo também esteriliza. Mas torna-se indispensável antepor aos pruridos do instinto e à violência da ortodoxia algo que não pode deixar de amparar-se no uso prudente da Razão. E assim se explica que até mesmo aqueles que em Portugal se mostram prontos a atribuir ao elemento instintivo qualidades específicas sem as quais

de pouco ou nada vale o uso sistemático da Razão reconheçam ingrediente indispensável do comportamento humano a aferição racionalista das ideias e dos estímulos em jogo. Eis quanto basta para irmanar homens de mentalidade tão diferente como os Cavaleiros de Oliveira, os D. Luís da Cunha, os Anteros de Quental, os Eças de Queirós, os Sérgio, os Régios, os Torgas, que todos eles, racionalistas em grau muito diferente, pelo menos no período mais fecundo da sua actuação intelectual, se mostraram mais «libertinos» que «marialvas».

Basta entrar numa casa do fado. É um «test» dos nossos dias. Tudo que ali se passa pertence à «cartilha do Marialvismo». Os toiros, as lágrimas, o respeito pelos tabus familiares, a aceitação das desigualdades de casta, a resignação na miséria, a crença no agiológio, isto é, a credence popular e supersticiosa, a sujeição da mulher ao código do homem, o fatalismo do amor, tudo que subordina a vida portuguesa a esse convencionalismo popular cujo esteio «é o fidalgo (forma primitiva de «privilegiado») boémio e estoura-vergas», ali está sacramentado nos acordes pungentes da guitarra e nos vagidos patéticos da garganta ao serviço das tradições nacionais.

José Cardoso Pires denuncia o mal, e fá-lo com coragem, desenvoltura e irrisão. E não é dos menores méritos da sua «Cartilha do Marialva» ter sabido arrancar das estantes dos nossos clássicos livros como a «Carta de Guia de Casados», em verdade testemunho clamoroso de um «marialvismo» que não desarma em tempo algum e ainda hoje é apresentado como título de glória do macho nacional. «A Carta de Guia de Casados», escreve Cardoso Pires, «é, no particular, um Elogio das Inferioridades da Mulher («a quem não convém demasiado cabedal», sic) e, no geral, uma versão prática do código civil marialva, comentado e acrescido de numerosos exemplos, para uso dos portugueses antigos de ontem e de hoje.» De facto, o autor da «Cartilha do Marialva» é o primeiro a descobri-lo — essa famosa «Carta de Guia», tratado prático dos candidatos a marido no século XVII, não passa, afinal, de um código em vigor «contra a liberdade das mulheres». Realmente, o espírito a que obedeceu a factura dessa obra clássica, denuncia-o Cardoso Pires, subsiste tal qual no «marialva» do século XX. A soberania do homem sobre a mulher proclamada a cada passo na letra e na música do fado continua em vigor no país. E em 1959, esclarece o autor da «Cartilha do Marialva», o analfabetismo e o servilismo não deixam de ser atributos louvados na mulher aue se ama e na mulher que nos serve. No jornal

«A Voz das Criadas», de Abril desse ano, lê-se, por exemplo, este diálogo entre duas serviçais:

«— Se eu sou tratada com indiferença, como posso ter amor e dedicação por quem me rodeia?

«— É mais fácil do que tu pensas. Supõe que estás a servir a Sagrada Família de Nazaré (...) Procura convencer-te de que os senhores que serves são a Sagrada Família. Olha para o senhor da casa como se ele fosse S. José, para a senhora, como se fosse Nossa Senhora e para os meninos como se fossem o Menino Jesus.»

São desnecessárias observações à margem: foi tudo dito em poucas palavras. O «marialvismo» precisa de servas e as servas devem obediência ao «marialva», que é aquele que, privilegiado, está pronto a manter o primitivismo da gente não privilegiada do seu país no propósito louvável de ter quem o sirva como se fosse o próprio S. José ...

Impressiona o reconhecimento da sobrevivência de mentalidade tão estranha a toda a forma de equidade e de respeito pela condição humana. Mas do «marialvismo» não faz parte qualquer destas coisas: só há equidade para proveito próprio, só há respeito pela condição humana quando a condição humana é a do privilegiado. O que tudo isto implica de falsificação dos quadros sociais e de adulteração das virtudes fundamentais de uma sociedade civilizada ressalta da leitura da «Cartilha do Marialva», que José Cardoso Pires escreveu com aquela ironia sóbria e aquele humor secreto que lhe conferem personalidade inconfundível no quadro dos modernos escritores portugueses.

Contista e dramaturgo, o autor da «Cartilha do Marialva» deu-nos, na mesma fornada, outro livro capital, a «narrativa dramática em três partes e uma apoteose» a que chamou «O Render dos Heróis» (Europa-América, Lisboa). Creio tratar-se do seu livro de imaginação mais completo e conseguido. Propenso à divagação e à interpolação de ideias no texto dos seus livros de ficção, o autor das «Histórias de Amor» e do «Anjo Ancorado» mostra-se comedido nas cenas desta «narrativa dramática», talvez mais para ler que para representar. É forte, incisiva, rude e pungente a humanidade que ele nos revela nesse quadro inspirado nas lutas que à volta de 1847 condenaram o país a uma intervenção estrangeira. O facto, porém, de ter sabido escolher para tema da sua obra um momento tão perturbado da vida nacional ainda abona a «libertinagem» do seu espírito: sem acusar, denuncia a rudeza de uma mentalidade que os séculos de servilismo «marialva» inutilizaram, por assim dizer, para a própria

conquista da liberdade. Na motivação social dessas lutas civis intervêm mais factores de obscurantismo que pròpriamente elementos de emancipação progressiva. A Patuleia foi em grande parte um movimento popular de essência «marialva». Estava no espírito do «marialvismo» opôr-se o povo à lei dos Cabrais que impedia o enterramento nas igrejas.

NOVIDADES LITERÁRIAS

Atingiu 99 volumes a prestigiosa «Colecção de Clássicos Sá da Costa». Com o primeiro tomo da «Peregrinação» de Fernão Mendes Pinto, que será publicada em cinco volumes, prefaciada e comentada por António José Saraiva, vinte e quatro anos depois da sua iniciação, cumpre-se largamente o programa dessa biblioteca, hoje factor importante na divulgação dos mestres da cultura clássica nacional.

A Colecção «A Obra e o Homem», da Editora Arcádia, enriqueceu-se com mais um volume: «Ferreira de Castro», da autoria de Jaime Brasil.

Pela mesma casa editora acaba de ser posta à venda a terceira edição de romance de Fernando Namora: «Fogo na Noite Escura».

«Pedras Brancas» é o título de uma nova colecção de obras poéticas. Editada na Covilhã pela Livraria

Nacional, a referida biblioteca publicou «Queda Livre, de E. M. de Melo e Castro e «Sobre o Rosto da Terra», de António Ramos Rosa.

«Carlos Malheiro Dias, Escritor Luso-Brasileiro», é o título do comunicação de Joaquim Paço de Arcos ao IV Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros realizado em 1959 na cidade do Salvador da Baía. Separata da revista «Ocidente».

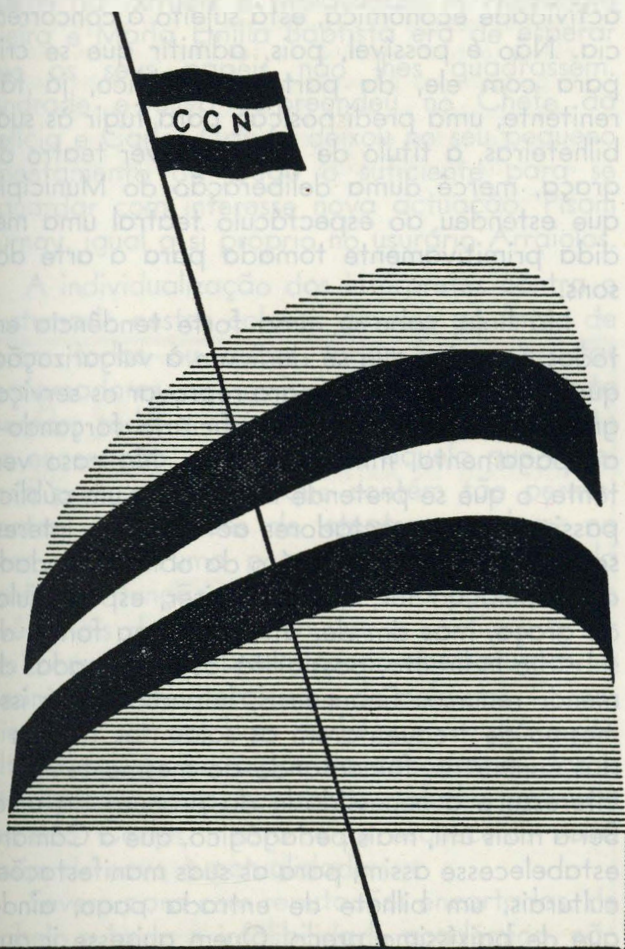
De depois de ter aparecido em fascículos, surge agora em dois volumes, na série das suas «Obras Completas», «O Romance de Camilo», de Aquilino Ribeiro, uma das mais discutidas e apaixonantes biografias do grande novelista.

«Filho do Homem» é o título do novo livro de versos do grande poeta José Régio. Portugália Editora.

Na «Antologia Moderna», da Iris, de São Paulo, Brasil, apareceu «Fernando Pessoa», apresentado por João Alves das Neves.

«Pureza», «Pedra Bonita» e «Riacho Doce», eis os três romances de José Lins do Rego compendiados no terceiro volume das suas «Obras Completas» em publicação no Rio de Janeiro pelo editor José Olympio.

«Narciso» é o título do novo livro de versos do poeta António Salvado.



ÁFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL PORTUGUESAS

escalando FUNCHAL - LAS PALMAS - S. TOMÉ - LUANDA
LOBITO - MOÇAMEDES - CAPE TOWN - LOURENÇO MAR-
QUES - BEIRA - MOÇAMBIQUE

AMÉRICA DO SUL

escalando FUNCHAL - S. VICENTE - RECIFE - SALVADOR
RIO DE JANEIRO - SANTOS

AMÉRICA CENTRAL

escalando VIGO - FUNCHAL - TENERIFE - LA GUAIRA
OURAÇÃO - HAVANA - PORT EVERGLADES (MIAMI)

entre

ANGOLA e o NORTE DA EUROPA

escalando MOÇAMEDES - LOBITO - LUANDA - LISBOA
HAMBURGO - RODERDÃO - HAVRE

SERVIÇO DE PASSAGEIROS E CARGA

COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO